



NO JOGO DA GINGA, JANJA GINGA: CAPOEIRISTA ENEGRECENDO O PPGNEIM

Sandy Swamy Silva do Nascimento¹
Jane Soares²

RESUMO

O presente artigo visa compreender a trajetória de ginga na capoeira da professora Doutora Janja Araújo, e como ela contribuiu para enegrecer o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), programa idealizado pelo NEIM, a partir das práxis e do pensamento do feminista negro. Hoje, a supracitada professora figura como uma das cinco docentes negras no quadro do programa. Para alcançar os objetivos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e documental para localizar e analisar os escritos da Mestre Janja, suas ações e atuações, interseccionando com os movimentos, reivindicações nacionais e estaduais relacionados às questões raciais e de gênero. Conclui-se que mestre Janja mobiliza estruturas pautadas na Capoeira de Angola, no Feminismo Angoleiro e nos movimentos negros, em que consegue ter uma relação horizontal com os seus pares e incitar debates sobre raça e gênero nos espaços em que ocupa diante das suas memórias, ancestralidade e sabedoria.

Palavras-chave: Janja Araújo; Ginga; mestra de capoeira; Feminismo de Angola; professora negra.

ABSTRACT

This article aims to understand the capoeira ginga trajectory of Professor Janja Araújo, PhD, and how she contributed to blackening the Graduate Program in Interdisciplinary Studies on Women, Gender and Feminism (PPGNEIM) at the Federal University of Bahia (UFBA), a program conceived by NEIM, based on the praxis and thinking of black feminists. Today, she is one of five black professors in the program. In order to achieve the objectives, bibliographical and documentary research was used to locate and analyze Mestre Janja's writings, her actions and performances, intersecting with national and state movements and demands related to racial and gender issues. The conclusion is that Mestre Janja mobilizes structures based on Capoeira de Angola, Angoleiro Feminism and black movements, in which she manages to have a horizontal relationship with her peers and incite debates on race and gender in the spaces she occupies through her memories, ancestry and wisdom.

Keywords: Janja Araújo; Ginga; capoeira teacher; Angolan Feminism; black teacher.

¹ Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo e Relações Públicas, pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI); Mestre em Políticas Públicas, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

² Bacharela e licenciada em História pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Mestre em História social pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM)..

Introdução

A capoeira e a ginga foram ressignificadas pelos negros escravizados e utilizadas como forma de resistência. Com Janja, baiana de Feira de Santana, libriana, corintiana, mãe do Lucas, lésbica, parece não ter diferido, pois, a partir da capoeira, ela constrói e reconstrói sua vida acadêmica. Janja Costa Araújo saiu do interior para a capital para estudar Educação Física na Universidade Católica de Salvador (UCSAL), na década de 1970. No final do curso, foi convidada por uma colega para uma aula de capoeira, a partir de então, nunca mais saiu da luta, a qual é uma dança, uma ginga. E nesse movimento de ida e volta, de resistência, tornou-se capoeirista, negra e feminista.

Nesse contexto, angoleira, mestra³ Janja cria o Grupo Nzinga de Capoeira Angola em São Paulo no ano de 1995, após ingressar na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, na área temática de Filosofia e Educação para o mestrado e doutorado. Posteriormente, Paula Barreto (Mestra Paulinha) e Paulo Barreto (Mestre Poloca) uniram-se a Janja na coordenação do projeto. Ambos tinham experiência no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho — GCAP, na Bahia, com os Mestres Moraes, João Grande e Cobra Mansa (GRUPO NZINGA CAPOEIRA ANGOLA, s/d).

No início dos anos 2000, o grupo começa a ser expandido para Salvador (Bahia), Brasília (Distrito Federal), Rio de Janeiro, Marburg (Alemanha), Maputo (Moçambique), Letícia (Colômbia), Kyoto (Japão), Atlanta (Estados Unidos), Buenos Aires (Argentina) (Grupo Nzinga Capoeira Angola, s/d). Araújo (2004) acredita que a capoeira contribuiu para que os jovens, homens e mulheres, tivessem maior interesse na história do Brasil e afro-brasileira. No grupo Nzinga, essas e outras pautas são debatidas como masculinidade, a comunidade LGBTQIA+ e gênero, isso se dá ao fato também de Janja fazer parte do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), da Universidade Federal da Bahia (UFBA), local em que essas pautas são efervescentes. E também como pesquisadora do NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher), no grupo GAC (Gênero, Arte e Cultura), onde esteve também na sua coordenação.

³ Na capoeira, o mestre/a é conhecido como educador, como explica Araújo (2003).

A problemática desse artigo baseia-se no fato de que o PPGNEIM foi criado em 2006, e, desde então, somente cinco professoras negras lecionaram no programa. Destaca-se que o mesmo está situado na capital mais preta e feminina do país (54,4%), isso é o que demonstram os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, referente ao ano de 2022, onde 34,1% da população é preta e 83,2% preta e parda (TÍSSIA, 2024).

Dentre as referidas docentes estão as professoras Sílvia Lúcia Ferreira e Enilda Rosendo (atualmente, já aposentada), da Escola de Enfermagem da UFBA, criadoras do Centro de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher, Gênero, Saúde e Enfermagem (GEM) e pesquisadoras do NEIM desde 1988, sendo que a primeira é a atual coordenadora do Núcleo. Janja Araújo, assim como outras professoras negras, como: Ângela Lúcia Silva Figueiredo e Paula Cristina da Silva Barreto, só adentraram ao programa depois de 2015.⁴

Sabe-se que essa realidade é reflexo do ensino da população negra no país, segundo dados do PNAD de 2019, 48,8% das pessoas com 25 anos completaram o ensino médio, no nordeste do país apenas 41,8% dos pretos e pardos completaram ensino médio e 57% dos brancos (IBGE, 2020). A desigualdade começa a se ampliar no ensino fundamental e se agrava no ensino médio, devido à defasagem escolar que se acumula ao longo da trajetória acadêmica, principalmente nas disciplinas de português e matemática. Essa desigualdade se mantém no ensino superior, tanto na entrada da graduação quanto nos cursos de pós-graduação; mesmo com a existência das leis de cotas, os resultados ainda são tímidos.

No tocante às professoras negras na pós-graduação, segundo dados do censo da educação superior de 2016, menos de 3% das mulheres pretas e pardas ensinam na pós-graduação, para ser exato, no país temos 216 professoras lecionando nesse nível. Sendo assim, esse estudo questiona: Como diante desse cenário, Janja Araújo, mulher, negra, capoeirista, que fundamenta a sua filosofia de vida no feminismo negro e na ginga, intensificou as discussões raciais dentro do PPGNEIM?

O artigo objetiva compreender como a trajetória de ginga na capoeira da professora Doutora Janja Araújo contribuiu para enegrecer o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da

⁴ A Profa. Dr. Antonia Garcia também atuou como Professora Visitante do PPGNEIM, e integrou o grupo de pesquisadoras do NEIM até o seu falecimento, em 2020.

Universidade Federal da Bahia (UFBA), a partir das práxis e do pensamento do feminista negro. Portanto, esse estudo tem como justificativa socio-acadêmica a importância da professora Janja Araújo dentro PPGNEIM, no pioneirismo enquanto mestra de capoeira, o trabalho realizado junto ao Geledés, no movimento feminista negro, na criação do Nzinga e tudo isso pautado na ancestralidade da Capoeira de Angola, dos seus mais velhos, nas mulheres que lhe acompanham na sua jornada e nas vidas que ela transforma em cada ação. Segundo Machado e Araújo (2015, p. 107):

A referência à ancestralidade diz de quem somos nós, a quem devemos a nossa existência aqui e agora, mas vai além de laços consanguíneos, trazendo seu sentido para o pertencimento. Implica em conhecer e reconhecer-se na construção de sua própria história e missão de vida. A ancestralidade remete não ao passado descolado do presente e do futuro, mas a partir da ideia do tempo circular, não linear. Ela remete ao reconhecimento dos valores e sentidos que nos conformam, que dão sentido à nossa autopercepção no mundo, ao autoconhecimento, à compreensão mais ampla de nossa própria existência. Ancestralidade que envolve a dimensão espiritual, passando pelo corpo e pela natureza.

No percurso para a construção deste artigo, utilizamos revisão de literatura e pesquisa documental como base, bem como leituras da dissertação de mestrado, tese de doutorado e outros textos escritos pela mestra Janja ao longo de sua vida acadêmica e entrevistas cedidas a capoeirista e disponíveis na internet. Visitamos, também, as discussões sobre o feminismo negro com base em bell hooks (1995), Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (1982), além do debate sobre movimento negro a partir de Petronio Domingues (2007) e Flávia Rios (2012; 2016). Ademais, analisamos, ainda os sites de instâncias que Janja faz ou fez parte: Geledés — Instituto da mulher negra, A cor da Bahia (grupo de pesquisa na UFBA), PPGNEIM, bem como seu currículo *lattes* e uma rápida entrevista no último dia de aula da *Turma Márcia Paim no PPGNEIM*⁵, em que ela realizou uma exposição oral, reconstruindo sua trajetória profissional.

Dessa forma, o interesse em escrever sobre a mestra surgiu durante as discussões na *Turma Márcia Paim* do PPGNEIM em 2023.1, nas aulas do componente *Dinâmicas das relações de gênero, raça e classe*, quando nas intervenções entre um seminário e outro, Janja nos apresentava perspectivas históricas sobre os debates em torno da raça, mulheres negras e realidade das professoras na pós-graduação. Além de bastidores dos momentos importantes nos quais estive presente como: na formação da UNE; Geledés;

⁵ Nome dado à turma de mestrado e doutorado do PPGNEIM, ingressa no ano de 2023.1.



eventos de feministas negras nacionais e internacionais; ações dentro Nzinga e do Cor da Bahia, e inúmeras fotos com as autoras que são referência do feminismo negro brasileiro e internacional.

Esse cenário era cercado por um ambiente leve, sem hierarquização, de uma professora com o prazer em ensinar e compartilhar suas experiências. Além disso, uma mulher que não busca holofotes, por acreditar que tudo que construiu não foi sozinha, foi coletivamente, por isso, o artigo será sobre a ginga que Janja faz, que não faz só. Janja tem como princípio que, para deixar de ser “outro na vida de alguém, que essa outra pessoa deixe de ser o outro na minha vida, é necessário que a gente esteja sempre lado a lado, e nunca ninguém à frente de ninguém” (ARAÚJO, 2020). E nós podemos afirmar que ela o cumpre com maestria, porque esteve ao nosso lado durante o primeiro semestre no doutorado do PPGNEIM.

Janja Ginga Na USP

Janja Costa Araújo, mestre Janja, chega nos anos de 1980, na cidade de Salvador–BA, num momento de muita efervescência. Uma jovem criada numa família interétnica, sem contato direto com a cultura negra, vem sozinha para estudar educação física na Universidade Católica de Salvador (UCSAL), universidade privada, que teve como alunos Ubiratan Castro, João José Reis entre tantos, a UCSAL depois da UFBA era a mais importante universidade naquele período.

No final do curso de educação física, Janja é apresentada à Capoeira Angola, num momento em que a capoeira desempenhava papel significativo de “reafricanização da cultura baiana (ARAÚJO, 2015, p. 10) e, nesse movimento angoleiro, ela se encontrou e está até hoje. E para entender melhor esse encontro com suas raízes, Janja realizou graduação em história pela UFBA, mestrado e doutorado na Faculdade de Educação, da Universidade de São Paulo (USP), tendo a Capoeira Angola como objeto de pesquisa na dissertação e tese.

Janja buscou, nos seus estudos, desenvolver argumentos que permitissem focar a dimensão educativa da capoeira, com os mestres angoleiros como educadores culturais inseridos “nos processos de formação das identidades possíveis ao meio afrobaiano” combinando “tradições e modelos culturais da forma de ser negro à estruturação dos

caminhos de construção da cidadania entre esses negros” (ARAÚJO, 2015, p. 16). É importante ressaltar que “entre as capoeiras, educar é algo muito maior que compreender e reproduzir conteúdo, mas olhar para o mundo e tornar-se parte implicada na produção, gestão e difusão dos conhecimentos que se refazem e se renovam” (ARAÚJO, 2015, p. 14).

Entretanto, a presença feminina não fazia parte do universo angoleiro, por isso Janja precisou travar uma longa batalha para se impor como capoeirista angoleira e talvez se tornar pesquisa do tema tenha ajudado, quem sabe? Mas algo é fato: capoeira, educação e gênero a atingiram na encruzilhada da interseccionalidade, e Janja sempre na ginga também travou a batalha nas pesquisas sobre a presença feminina na Capoeira Angola. Sobre a Ginga, a mestra Janja descreve que ela está em uma dimensão:

Sob o paradigma do permanente movimento, a contradição não está na realidade, mas no pensamento sobre ela, indicando, muitas vezes, conflito entre duas proposições que são igualmente demonstráveis. Uma delas diz respeito à realidade, que possui elementos antagônicos e não contraditórios. De causalidade probabilística e não determinista/mecanicista, a própria ginga figura como representação dessa polilogicidade, incorporada através do acolhimento do corpo do outro diante do qual se ginga. Daí faz-se presente a recursividade do espelho que, sempre infiel, vai tecendo os infinitos trânsitos de aceitação e rejeição sobre as imagens projetadas e apreendidas (ARAÚJO, 2013, p. 2).

Assim, pautada na ginga, nasce o Grupo Capoeira Angola Pelourinho e o Nzinga, um grupo cultural de educação e difusão da capoeira, criado em 1995, por mestre Janja, Paula Barreto e Paulo Barreto. No grupo Nzinga de Capoeira Angola, a luta pelo reconhecimento da população negra é uma pauta ligada diretamente com a capoeira e ancestralidade africana em constante mutação conforme o tempo, não é estática no passado, conforme afirmam Machado e Araújo (2015). A partir do Instituto Nzinga, foi criada a Revista *Toques D’Angola* visando publicar sobre o povo negro e afrodescendentes, ao todo foram publicizadas cinco edições, além disso, os textos buscavam:

Fomentar a memória relacionada com a diversidade cultural brasileira, a promoção da cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico; produzir e divulgar estudos e pesquisas, informações e conhecimentos sobre a Capoeira Angola e demais tradições educativas de matriz africana banto a ela vinculadas; enfatizar os princípios da

ética, da paz, da cidadania e dos direitos humanos (MILANI, 2006, p. 1).

De acordo com Araújo (2004), a capoeira possui em suas raízes características de matriz africana, tendo sido moldada pelo contexto escravista, racista e de condições socioeconômicas desfavorecidas da população negra brasileira. No século XIX, a capoeira é organizada enquanto meio de rebeldia contra a política, como as maltas⁶.

Proibida neste período, a capoeira sobreviveu aos castigos físicos, prisões, deportações e assassinatos previstos na sua proibição pelo governo imperial, até o período do Estado Novo quando, liberada do Código Penal, dá início a outro momento histórico no qual passou a ser considerado um importante instrumento na estruturação da identidade nacional, no campo da ginástica e do esporte (ARAÚJO, 2004, p. 8).

Na ginástica, a capoeira se caracterizou como um novo estilo-Capoeira Regional, sendo que as pessoas que continuaram nas práticas antigas ficaram na modalidade classificada como tradicional, mais tarde começou a ser denominada por Capoeira Angola. Janja Araújo (2004) ressalta que antes do “surgimento da Capoeira Regional, falava-se apenas em capoeira, tanto como referência ao jogo/dança/luta quanto ao indivíduo que a praticava” (ARAÚJO, 2004, p. 9).

Entre os angoleiros, a capoeira é definida como filosofia de vida, portanto, defini-la como esporte, dança, luta ou somente cultura⁷ não os contempla. Por isso, Janja questiona: “quando se ginga, com o que é o porquê exatamente se ginga?”, e explica que esses apontamentos possibilitam compreender a capoeira como um jogo, mas não no sentido de “competição mediada por campeonatos, ringues ou outras disputas”. A mestra afirma que “joga-se capoeira jogando o jogo da capoeira, sobre cuja definição das

⁶ Maltas eram grupos de capoeiristas do Rio de Janeiro que tiveram seu auge na segunda metade do século XIX. As maltas atormentavam a população carioca, principalmente as autoridades que queriam de qualquer maneira as exterminar. Havia várias maltas no Rio de Janeiro e cada uma comandava uma região, mas dentre todas, tiveram duas que mais se destacaram: os Guaiamuns e Nagoas. Após a Proclamação da República (1889), foi criado o decreto 847 de 1890, intitulado “Dos vadios e capoeiras”. Este decreto repreendia a capoeira e seus praticantes. Então, através da perseguição policial, pouco a pouco foram sendo encarcerados, exilados ou exterminados os chefes das maltas e estas foram perdendo suas forças e sendo desmanteladas. (MILANI, 2005). Ver também: Soares. Carlos Eugênio Líbano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808–1850**, Campinas–SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 608.

⁷ Para os angoleiros seguidores do mestre Pastinha, a Capoeira Angola é muito mais que uma luta ou dança “é uma expressão cultural de matrizes africanas no Brasil, e como tal apresenta aspectos desta diversidade ressignificada na realidade escravista que se formou” (ARAÚJO, 2004, p.8). Na sociedade escravagista, a capoeira como luta se apresentou como meio de resistência a dominação do sistema colonial.

dificuldades se assentam regras e condutas. Joga-se consigo no acolhimento ao outro” (ARAÚJO, 2004, p. 35).

Em sua tese intitulada *Iê, viva meu mestre: a Capoeira Angola da ‘escola pastiniana’ como práxis educativa*, Janja Araújo (2004) explicita que não trata a capoeira como uma unidade homogênea, assim como não pretendia comparar os dois estilos, e sim centrar o seu debate na ancestralidade, comunidade e oralidade. Na Capoeira de Angola, essa tríade é essencial, partindo do entendimento de Araújo (2004, p. 14) sobre ancestralidade, a categoria não diz respeito a questões biológicas ou étnica, mas a dois tópicos especiais como: a matriz de descendência do Mestre Pastinha⁸ “cujas reflexões estruturam os códigos de pertencimento e resistência cultural, promovendo também a valorização da sua memória”. Já o segundo, está relacionado com o elo entre a capoeira e o candomblé/umbanda, “neste entendimento adota-se a ambiência de uma africanidade pautada no convívio com o sagrado, com o sobrenatural, o mistério, estando em pauta a temática da identidade, de forma complexa”.

O termo comunidade também é importante por guiar o entendimento sobre a formação dos grupos por mais de um líder, assim como o fato de poder estar disposto em cidades, países e culturas diferentes e mesmo assim fazerem parte da mesma identidade. A oralidade, com forte influência enquanto técnica de ensino da cultura africana, é essencial na transmissão de conhecimento para as novas gerações entre mestres e discípulos e/ou coletivamente (ARAÚJO, 2004).

Além desses elementos, mestra Janja acrescenta que existem, na Capoeira de Angola, os elementos também da corporeidade, processo de aprendizagem, o jogo, a arte, a roda e o mundo (ARAÚJO, 2013). A Roda é um local no qual os ritos se encaminham e que os saberes são partilhados e constantemente avaliados (Pequena Roda), assim como o seu conhecimento sobre a setores da vida (Grande Roda), “assim, mais que avaliar o

⁸ Sobre mestre Pastinha. Mestre Pastinha, nasceu em 5 de abril de 1889, descendente de pai espanhol e mãe baiana, foi batizado em 1889 com o nome de Vicente Joaquim Ferreira Pastinha na cidade de Salvador–BA, sua vida na roda de capoeiragem aconteceu quando tinha 8 anos, sendo seu mestre o africano Benedito. Pastinha fez de tudo ao longo da vida, foi pedreiro, pintor, entregador de jornais, mas foi como professor de capoeira, sua grande paixão que ficou conhecido. Usou de seus conhecimentos para disseminar a cultura africana e a capoeira, mestre Pastinha fez história e muitos discípulos que hoje disseminam a capoeira Angola nacional e internacionalmente. Pastinha morreu em 1971, após ser vítima do processo de higienização social no Pelourinho, que o fez se retirar da sede de sua escola de capoeira, para restauração, nesse período o Pelourinho passava por um processo de reformulação que o transformou em ponto turístico. Mestre Pastinha entrou em depressão e morreu em casa. E apesar de tudo que fez, pouca ajuda recebeu. Vicente Ferreira Pastinha, mestre de capoeira e filósofo popular (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2016).

desempenho puro e simplesmente de cada indivíduo, a Roda afere a conduta de quem ensina, de quem orienta este ou aquele capoeirista” (ARAÚJO, 2004, p. 25). Na Capoeira de Angola, a Roda é o espaço de manutenção e salvaguarda de tradições afrodescendentes e como uma forma de impedir que se torne uma cultura massificada⁹. Deste modo buscam o repasse da memória de cada tronco e família angoleira (ARAÚJO, 2004).

Roda é formada de pessoas, movimentos, instrumentos, ritmos, metáforas, sotaques, e está estruturada a relacionar o visível e o não-visível, aos entendimentos sobre a preservação destes conteúdos. Este trabalho é, por assim dizer, o exercício de uma nova Roda na qual a relação entre o nosso fazer “capoeirístico” busca gingar com diferentes momentos, lugares e indivíduos, na cadência rítmica de quem busca estar atento à certeza sobre as voltas que o mundo dá (ARAÚJO, 2004, p. 26).

A música também é importante na Roda, pois a comunicação se dá através dos cantos, toques, variações e orienta sobre estar presente naquele momento, pois cada momento é único na Capoeira de Angola. A sua estrutura é dinâmica e possibilita inúmeras interações entre os participantes, “levando em conta a presença de, no mínimo, três protagonismos simultâneos: os que jogam, os que tocam, e todos que cantam”. Estas interatividades ocorrem sutilmente por meio do olhar, sotaques cantados, permitindo que a distribuição dos instrumentos não seja algo posto (ARAÚJO, 2004, p. 34).

O processo de aprendizagem da Capoeira de Angola, segundo mestra Janja, é cercado por diferentes temporalidades, isso por conta da questão corporal, a obtenção de conhecimento ocorre durante a vida inteira e não existem etapas de graduação ou o fim (ARAÚJO, 2013). O corpo na capoeira, conforme o Mestre Pastinha, é importante, ao exigir um cuidado ético com o corpo alheio, esse compromisso foi herdado da cultura africana e diz respeito a “tanto na dor como no prazer. E é esse mesmo corpo, em seu movimento e em sua relação com os outros, que é capaz de formar um corpo maior, um movimento cultural, político e social” (MACHADO; ARAÚJO, 2015, p. 100).

Nesse sentido, a ginga na capoeira é uma construção—rememorando um momento em sala com a professora Janja do PPGNEIM, que ocorreu no espaço do Nzinga –, ela propôs que fizéssemos uma roda ao final, tocássemos instrumentos e gingássemos. Janja disse que a Ginga é única, como se fosse a digital, a sua identidade, a sua marca, não

⁹ Janja Araújo se refere a não permitir que a capoeira Angola, uma cultura popular, seja apropriada pela cultura de massa e que a transformasse em uma simples produção artística e cultural voltada para o entretenimento e a comercialização dos bens culturais reproduzidos em massa.



existe igual, não se ensina. Nesse momento, percebemos o quão respeitoso e acolhedor é o jogo na Capoeira Angola, desde o momento em que ela nos ensinou a tocar instrumentos, mesmo que estivéssemos com vergonha, medo de errar, ela estava disposta a ensinar enquanto mestra. E no momento da Ginga, enquanto tentávamos copiá-la, Janja pediu que sentíssemos nosso corpo, a música e criássemos a nossa própria Ginga. Os ensinamentos de mestra Janja também são pautados nos aprendizados no movimento negro que tem relação direta com o debate sobre capoeira e os afrodescentes no país.

Janja e O Movimento Negro

O Movimento Negro Unificado (MNU) surge no ano de 1978, no período da ditadura militar no Brasil, anterior a esse momento, desde o fim da abolição da escravatura no Brasil houve em diversos momentos mobilizações em vários estados brasileiros, em busca de melhorias da situação dos “homens de cor”, para Domingues (2007, p. 122),

É comum pensar que o movimento negro organizado só começa nos anos 1930 — por meio da Frente Negra Brasileira —, sendo retomado décadas depois, com o florescimento do Movimento Negro Unificado, no final dos anos 1970. Este artigo corrobora para refutar essa visão. Ou seja, havia uma articulação de atores e grupos negros em outros momentos. Isto permite afirmar que o movimento negro contemporâneo já acumula experiência de gerações, sendo herdeiro de uma tradição de luta que atravessa praticamente todo o período republicano.

Entretanto, quando do surgimento desse movimento, há uma radicalização das pautas relacionadas as questões raciais, impulsionadas em parte, pela maneira que surge, num momento de ditadura militar onde as manifestações eram duramente reprimidas, havia caça aos movimentos sociais, e a desarticulação do movimento de luta política de negros que havia no momento anterior. Segundo Domingues (2007), na ditadura Vargas o movimento negro não teve o mesmo poder de aglutinação da Frente Negra, por exemplo.

Como exceção dessa época, em Porto Alegre, havia a UHC (União dos Homens de Cor), 1943, visando aumentar o nível econômico e intelectual da população de cor,



que se disseminou por outros estados brasileiros,¹⁰ e o TEN (Teatro Experimental do Negro) no Rio de Janeiro, em 1944. Com a proposta inicial de formar um grupo teatral negro, o TEN ampliou sua ação com a publicação do Jornal Quilombo, curso de alfabetização, de corte e costura, Fundação do Instituto Nacional do Negro, o Museu do Negro, 1º Congresso Nacional Negro, promoção de concursos de beleza, concurso de artes plásticas e a proposta de criação de uma legislação antirracistas para o Brasil.

Esses dois não foram os únicos, mas foram os de maior visibilidade nesse período. A imprensa negra também teve importante papel com a divulgação de protestos pelo país. Para Gonzalez Hasenbalg (1995, p. 24), o TEN foi muito importante, pois “significou um avanço no processo de organização da comunidade”. Mas com a ditadura militar, Abdias do Nascimento, seu criador, se exilou nos EUA, em 1968, e o TEN perdeu o vigor.

Na década de 1960, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) nomes como: Roger Bastide; Jacob Gorender; Florestan Fernandes; Otavio Ianni; Oracy Nogueira, foram vanguardistas nos estudos sobre a questão racial no Brasil. Na Bahia, Kátia Mattoso, Stuart Schwartz e numa segunda geração Ubiratan Castro, João José Reis. Esses estudos contribuíram para derrubar a tese da democracia racial amplamente utilizada pela classe dominante.

Ressalta-se ainda João José Reis que, com intensa pesquisa em arquivos, promoveu uma profunda discussão sobre o cotidiano dos negros na Bahia no século XIX, seus conflitos, festas, revoltas, fugas. Incentivou muitos historiadores, orientou outros tantos e foi diretamente muito importante para o movimento negro ao derrubar teses criadas pela elite dominante, como da passividade e da docilidade dos escravizados e também por desvendar dados da cultura. Como no livro sobre a primeira greve negra ocorrida do Brasil, na Bahia, os ganhadores que carregavam as pessoas em cadeiras se revoltaram contra a câmara municipal por promover mais uma forma de controle sobre eles, ou a revolta dos Malês, onde evidenciou o protagonismo dos negros Malês¹¹.

Desde 1971, o grupo Palmares, de Porto Alegre, já havia lançado a ideia de transferir as comemorações do 13 de maio para o dia 2º de novembro, data da morte de

¹⁰ Segundo Domingues (2007, p. 108) o UHC se disseminou por pelo menos 10 estados do Brasil (Minas Gerais, Santa Catarina, Bahia, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Sul. São Paulo, Espírito Santo, Piauí e Paraná) e inúmeros municípios do interior.

¹¹ Para mais informações, ver os livros: REIS, João José. SILVA, Eduardo. *Negociações e Conflito; a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos Malês (1835)*, Companhia das letras, 2003.

Zumbi dos Palmares, mas somente em 1988, no Centenário da Abolição, houve uma série de protestos, e o movimento negro em contraposição a esse evento elegeu o seu herói nacional: Zumbi. Nas manifestações, aparecia Zumbi em oposição à princesa Isabel e à lei Áurea¹², e denunciava-se a falsa abolição e a ressignificação da luta e resistência negra. Assim, no dia 20 de novembro, dia em Zumbi foi capturado e morto, foi escolhido para simbolizar o Dia da Consciência Negra (RIOS, 2012).

Apesar da derrota momentânea promovida pela ditadura, a semente pela emancipação negra se manteve, mas com diferentes formas públicas de articulação, devido à proibição imposta pela ditadura, Mesmo assim, em 1972, foi criado o CECAN (Centro de Cultura e Arte Negra) em São Paulo, o Grupo Palmares, em Porto Alegre, o Instituto de Pesquisa da Cultura Negra (IPCN) e o Movimento Soul, no Rio de Janeiro, porém, eram iniciativas políticas, mas não produziam o enfrentamento direto ao regime.

Na Bahia, em 1974, surgiu o bloco Ilê Ayê, um bloco criado por negros e para negros, que nasceu da contestação de um grupo de amigos do Curuzu em oposição às atitudes dos blocos de trio que não aceitavam negros entre seus foliões¹³. E o Olodum¹⁴, criado em 1979, surgiu como opção de lazer para os moradores do Maciel, no Pelourinho, utilizando temas históricos relativos à cultura africana e brasileira em suas apresentações.

Após um período de hibernação, em 1978, o movimento voltou com força através do MNU (Movimento Negro Unificado), que tem como incubadora a convergência socialista, organização marxista, sendo o núcleo formador de alguns dos fundadores do movimento, unindo a luta antirracista à anticapitalista. Inspirado no movimento pelos direitos civis dos EUA, que tinha Martin Luther King e Malcom X como símbolos, organizações negras marxistas como os Pantera Negra, e pelas lutas emancipatórias de países africanos.

Mas, para Rios (2012, p. 46), “ao invés de se contentarem em copiar passivamente as categorias, símbolos e estratégias das lutas internacionais, os ativistas e suas lideranças cuidaram de recriá-los à luz das peculiaridades de nossa realidade sócio-histórico-cultural, a exemplo de Zumbi como herói nacional”. Inclusive causando o estranhamento

¹² Ler mais em: Rios (2012).

¹³ Ver mais em: ILÊ AIYÊ. Ilê Aiyê: **Conheça a origem do primeiro bloco afro do Brasil**. 2023. Disponível em: <https://ileaiyeoficial.com/origem-ile-aiye/> Acesso em: 15 jul. 2023.

¹⁴ Saiba mais em: FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Olodum: 40 Anos de História**. Gov. Br. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/olodum-40-anos-de-historia>. Acesso em: 17 jul. 2023.

de pesquisadores estrangeiros que analisaram o Brasil nesse período, pois o movimento se inspirou na luta pelos direitos civis estadunidenses, mas conseguiu buscar referências brasileiras para a luta. Para o MNU, era necessária a união de classe e raça, para que o fim do capitalismo promovesse o fim do racismo.

O MUCDR (Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial) conseguiu unir vários grupos, como o CECAN, Jornal Capoeira, artistas, atletas negros e o movimento feminista. As ativistas negras foram importantes por circular em diferentes espaços disseminando ideias. Lélia Gonzalez insistiu na importância de acrescentar sexo à luta (Rios, 2012), mas somente em 23 de julho de 1978, na 1ª Assembleia da organização e estruturação da entidade foi acrescentado o termo ‘negro’ ao nome do movimento que ficou MNUCDR (Movimento Negro Unificado Contra Discriminação Racial) e depois apenas MNU. A importância desse movimento se dá na radicalização dos seus objetivos e formas de atuação; ao contrário dos movimentos anteriores, o MNU:

Defendia as seguintes reivindicações “mínimas”: desmistificação da democracia racial brasileira; organização política da população negra; transformação do Movimento Negro em movimento de massas; formação de um amplo leque de alianças na luta contra o racismo e a exploração do trabalhador; organização para enfrentar a violência policial; organização nos sindicatos e partidos políticos; luta pela introdução da História da África e do Negro no Brasil nos currículos escolares, bem como a busca pelo apoio internacional contra o racismo no país (DOMINGUES, 2007 p. 114).

Além disso, propôs a unificação das lutas antirracistas pelo país, para fortalecer o poder político do movimento negro e de todos os oprimidos. Assim, se uniu a vários sindicatos, e execrou o culto à mãe preta, símbolo da passividade dos escravizados. Realizou a mudança do dia 13 de maio para 20 de novembro, como Dia da Consciência Negra, pois a abolição nada significou para os escravizados, não promoveu nenhuma mudança nas vidas da população afrodescendentes e escravizados, diferente de Zumbi, que morreu defendendo o quilombo de Palmares, símbolo de união e força contra a escravidão. O movimento também se posicionou contra o casamento inter-racial, pois via nesse o etnocídio¹⁵ da população negra, vez que o discurso da mestiçagem foi produzido pela classe dominante.

¹⁵ Destruição cultural de um povo.

Ademais, o MNU decidiu por adotar o termo Negro e não pessoas de cor, ou seja, promoveu uma campanha de empoderamento do termo ao ser usado pelos ativistas do movimento. E, além disso, começou uma forte campanha para mudanças na educação com a adição da temática da história da África nos currículos escolares, revisão de conteúdos preconceituosos nos livros didáticos, formação de professores para uma pedagogia interétnica. E a promoção do resgate da cultura negra, através do uso de nomes de origem africana, de padrões de beleza negra, como penteados, uso, cabelos crespos (estilo *Black Power*), culinária, indumentárias, valorização de símbolos associados a cultura negra, como capoeira, samba, dança e religião. Era uma tentativa de mudanças nos padrões sociais.

As lideranças do movimento negro mobilizaram diversos contatos em toda parte do Brasil. Abdias e Gonzalez vieram à Bahia para contactar militantes daqui que se comprometeram a mobilizar e participar da assembleia em setembro, no Rio de Janeiro (RIOS; LIMA, 2020). Receberam declaração de apoio de toda parte do país, “cartas foram enviadas por presidiários negros da Penitenciária de São Paulo e pelo grupo afro-brasileiro Netos de Zumbi” (RIOS; LIMA, 2020, p. 116).

Nesse processo, houve a necessidade de estudos que evidenciassem a importância dos negros na história brasileira e nesse cenário se “apoiaram nos setores antirracistas da academia que já tinham realizado estudos sobre o preconceito de cor e as desigualdades raciais” (RIOS, 2012, p. 47), com contribuições nas áreas de ciências humanas e história, importantes para ratificar a ideologia do MNU.

Esses movimentos permitiram uma “dinâmica de interação entre o ativismo político e as esferas executiva, participativa e burocrática do Estado” (Rios, 2018, p. 257). A fundação Palmares, criada em 1988, sediada no Ministério da Cultura, “passou a funcionar como estrutura de intermediação entre os agentes civis e os governamentais, todavia restrito à esfera da cultura” (RIOS, 2018, p. 260), foi um órgão sem recursos financeiros, mas que possibilitou a interação entre o movimento e os interesses da população negra e simboliza a institucionalização do movimento ao nível nacional. Diante disso, Janja (2020) afirma lembrar que nos anos de 1980, os movimentos de luta dos povos afrodescendentes tiveram grandes conquistas, sendo a:

Primeira delas que é devolvendo nessa compreensão do lugar dos saberes africanos na própria capoeira, não apenas rítmicos, instrumentais, mas sobretudo corporais, evidenciou-se essas memórias corporais. Foi um trabalho extremamente importante para que a gente



pudesse colocar também o corpo no debate sobre o projeto democrático que nós almejamos enquanto capoeirista (ARAÚJO, 2020, p. 1).

No governo do presidente Collor (1990 – 1992), a Palmares foi extinta através da Medida Provisória 151, em 15 de março de 1990, através desse decreto dissolveu várias autarquias. Porém, diversas manifestações e a defesa do senador Renan Pinto (PMDB-MG) reverteram a dissolução da fundação que permaneceu, porém, em uma situação mais frágil que antes.

Com a desarticulação do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres (CNDM) e a Fundação Palmares no governo Collor, algumas ativistas negras se deslocaram para organizações não governamentais com captação de recursos internacionais e também nos governos municipais e estaduais. Dentre estas, vale destacar o Geledés¹⁶, sua fundação aconteceu em 1988. Mas, a partir do início da década de 1990, com a saída de Sueli Carneiro do Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres, as relações e aprendizagens incorporadas na instituição construíram ações para projetos em educação, direitos humanos, mercado de trabalho entre outros, e com a captação de recursos com instituições internacionais, se consolidou com uma das mais respeitadas do Brasil.

Mestre Janja fez parte do Geledés após sua saída da USP em 2012, e atuou na coordenação do programa Geração XXI, implantado em 1999. O projeto tinha como objetivo contribuir para melhoria da educação de crianças e jovens para o pleno desenvolvimento de seu potencial, gerando assim igualdade de oportunidade. O programa contou com ações voluntárias, parceria da Fundação BankBoston e o apoio governamental da Fundação Palmares.

O programa Geração XXI é visto como a primeira experiência em ação afirmativa do país, ele envolveu 21 jovens negros de baixa renda de São Paulo, com ações desenvolvidas no grupo familiar e na escola “visando também mobilizar a sociedade para o respeito aos direitos humanos e a adoção de ações afirmativas, principalmente nos meios empresarial, governamental e não governamental, expressão das instituições que realizam o Projeto Geração XXI” (PORTAL GELEDÉS, 2009).

Em uma de suas aulas na *Turma Márcia Paim do PPGNEIM*, Janja nos contou que o programa conseguiu que alguns estudantes passassem no vestibular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Porém, o Geledés não tinha dinheiro para

¹⁶ Sobre o Geledés e suas ações, acesse o site oficial. www.geledés.org.br.

promover a manutenção deles na universidade, pagaram a matrícula acreditando que conseguiriam bolsa ou financiamento. Isso não ocorreu, e para diminuir a dívida com PUC/SP, Janja teve que lecionar sem nada a receber por um ano. Assim é Janja Araújo, uma pessoa que acredita na construção coletiva e sempre disposta a somar. De acordo com Rios (2018, p. 269),

Nesse novo quadro político nacional, longe de haver uma desmobilização social dos grupos negros, verifica-se mudanças de estratégias, que acarretam maior focalização das demandas sociais, segmentação e diversificação do ativismo político, bem como a diferenciação de suas lideranças e organizações.

Na década de 1990, sob forte influência dos protestos e debates, lideranças negras que emergiram das ruas chegaram ao ápice de revolta nos “100 Anos da Falsa Abolição”, quando denunciaram a exclusão e a falta de acesso às oportunidades sociais para a população negra. Além das denúncias e mobilizações político-culturais, surgiram iniciativas de realização de estudos e pesquisas sobre o racismo no Brasil, dentro e fora das universidades.

O Programa A Cor da Bahia foi criado nesse contexto, no ano de 1992, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), sediado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com a missão de realizar pesquisas empíricas sobre as desigualdades raciais, em especial, no mercado de trabalho e na educação superior, e sobre as expressões contemporâneas do racismo na sociedade brasileira. Além disso, se propunha a apoiar a formação de jovens pesquisadores/as negros/as e de baixa renda. Fundado com docentes e estudantes da UFBA e de outras universidades da Bahia, Brasil, o projeto só foi possível devido o apoio da Fundação Ford, EUA (A COR DA BAHIA s/d).

E mais uma vez, mestra Janja esteve presente nos primórdios do Programa A Cor da Bahia, e segue até os dias atuais. No primeiro momento, ainda como estudante e fazendo parte de um grupo de teatro e assim se manteve mesmo no período em que permaneceu em São Paulo, como discente de mestrado e doutorado e depois como professora. Hoje ainda figura no quadro do programa como professora pesquisadora.

A atuação da ONG Geledés e do programa A Cor da Bahia foram muito importantes no cenário brasileiro daquele momento, pois suas ações configuram como primeiras iniciativas exitosas para o que mais tarde se desenhou como ações afirmativas. As discussões sobre as ações afirmativas nascem após amplo debate na III Conferência

Internacional da África Sul, em 2001, quando “o ativismo transacional de agências e lideranças negras conseguiu, articulado às autoridades governamentais, o feito inédito de inscrever no plano de ação de Durban as *affirmative actions*” (RIOS, 2016).

No ano de 2003, foi criada o Seppir (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) por Medida Provisória, no governo do presidente Lula (2002 - 2006), que tem as ações afirmativas como prioridade, nascendo com *status* de ministério, vinculada à Presidência da República. Seguindo a Onda Nacional, em 2006, no governo de Jacques Wagner, foi criada na Bahia a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI) e foi a primeira a tratar de políticas públicas para mulheres negros e negras, após lutas e pressão dos movimentos sociais. Quando retornou a Salvador, após um longo período em São Paulo, mestra Janja coordenou o departamento de Mulheres da Secretaria de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia a convite de Luiza Bairros.

Diante desses debates sobre a luta dos povos negros brasileiros, mestra Janja acredita que a capoeira é importante como referência de resistência e pertencimento a história, memória e salvaguarda dos saberes ancestrais (ARAÚJO, 2019).

Cientes de que os saberes tradicionais encaminham à crença, seguida de dedicação, e se constituem num importante campo de formação de identidade, baseados no pertencimento e zelo, para as/os capoeiristas é muito importante refletir as bases da sua tradição. Assim, reivindicamos a visibilidade do legado cognitivo dos povos negros, manifestamos nossa compreensão de que essa proximidade com os sujeitos do conhecimento revela um importante aspecto para mudanças educacionais, por resultar da própria participação dessas “fontes de autoridade”, propondo novas abordagens na interação teoria e prática (ARAÚJO, 2019, p. 558).

Dentre suas memórias, Janja lembra que quando iniciou na capoeira nos anos de 1980, ela não tinha dificuldade de transitar entre os homens, mesmo diante das desigualdades, pegava um berimbau, tocava com eles, entrava na roda, no jogo com facilidade. Pois eram outros tempos

Eu estava dentro de um mundo em que esse modelo de segregação ele não existia, porque ali tinha uma lógica que era tida exatamente num contexto do que marginalizava a capoeira, e era exatamente ela ser vista como cultura negra, então era um espaço de negros e ali dentro que a gente se entendia (ARAÚJO, 2022.)¹⁷

¹⁷ Entrevista no YouTube, ver mais em: ARAÚJO. Janja. **Mulheres na Roda com Mariana Leandro**. Entrevista. 2022. Disponível em:

Nessa conjuntura histórica, há ainda a tentativa de branqueamento da capoeira, que não ocorre somente pelo fato de terem pessoas brancas nas rodas, mas se dá em um contexto amplo de internacionalização e no fato de “dizer que a capoeira não tem vínculo com a África, eu coloquei isso num texto que eu escrevi e o mestre dizia: Deus salve a escravidão porque se não fosse a escravidão, o negro não apanhava, se o negro não apanhava não podia inventar dessa coisa maravilhosa aqui” (ARAÚJO, 2022).

A fala do mestre parece irreal, e demonstra uma falta de conhecimentos dos povos do continente africano antes da escravidão, de suas riquezas, seus saberes sobre a vida, a ciência, medicina, religião e arte. Portanto, o processo de branqueamento também é uma tentativa de desmobilizar o movimento negro na capoeira. A mestra Janja relata que quando começou na capoeira dentro da USP em São Paulo, a branquitude também afetou o seu trabalho, por ser um local que ainda não possui políticas de cotas, sendo composto pela elite brasileira. Desse modo, o movimento capoeirista que fundou Nzinga, tinha muito mais pessoas brancas, e os negros ainda não o cooptavam e então o seu objetivo passou a ser: fazer com que os negros entrassem na universidade, e que permanecessem, como fez quando esteve no Geledés e até os dias atuais (ARAÚJO, 2022).

Três Por Cento: Enegrecendo o PPGNEIM

A presença da mulher na docência acadêmica aumentou 13,5% em 16 anos, segundo dados coletados da Plataforma Capes de 2021. Entretanto, a presença das mulheres diminuiu entre o mestrado (55%) e o doutorado (53%), e caiu ainda mais na carreira acadêmica (42%), mesmo com o aumento de mulheres de 9% entre os anos de 2004 e 2020. O crescimento é menor do que o esperado, principalmente após a lei de Cotas¹⁸.

www.youtube.com/watch?v=ID5R3EjdweE&list=PLh0FBKQ8PAdYQDOR8A8vC5qfbjCoaCMR&index=5. Acesso em: 01 jul. 2023.

¹⁸ A Lei n.º 12.711/2012, conhecida como a Lei de Cotas Sociais, garante a reserva de 50% das matrículas por curso, destes metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário-mínimo e meio. Nos dois casos, também será considerado os pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência (MEC, 2012).

A baixa adesão das mulheres na carreira acadêmica deve-se em parte a dificuldade de muitas mulheres em conciliar carreira acadêmica com a maternidade e também com a alta produtividade exigida pela universidade/Capes, produto da manutenção dos *status quo* dos homens brancos e do modelo acadêmico elitista que, para Quijano (2005), é fruto do processo de colonialidade do saber com a promoção da hierarquia social ao europeu masculino e o descarte dos saberes dos povos colonizados.

A produtividade acadêmica das mulheres é percebida nos investimentos das bolsas CNPq, divulgados em 2022, em que 66,5% do orçamento é disponibilizado para os homens e 33,5% para as mulheres, ou seja, quase o dobro do orçamento de 3,13 bilhões de reais, 65% dos bolsistas são homens. A discrepância continua na concentração de homens nos níveis mais altos, as mulheres se concentram no nível 2, de menor investimento, enquanto a maioria dos homens, 73% estão no nível 1A, com maior valor investido (GORZIZA; BUONO, 2023).

No mesmo sentido, segundo os dados analisados pelo site *Parent in Science*, baseados nos índices de Bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq, disponibilizados na conta do Instagram, em setembro de 2023, observa-se poucas diferenças se comparada aos dados anteriores. Nos gerais de Bolsas PQ vigentes em 2023 por sexo e raça/cor, os homens brancos se mantêm no ranque dos que mais recebem bolsas, sendo 52,2%, bem acima das mulheres brancas com 31,3%. As mulheres pretas e pardas somam 5,6% do recebimento das bolsas. Já nos dados em relação às Bolsas PQ-1A vigentes em 2023 por sexo e raça/cor, as mulheres continuam sendo minorias, como pode ser observado abaixo:

Figura 1: Dados sobre produtividade CNPq



Fonte: Parent in Science (2023), conforme os dados do CNPq.

Na imagem, é possível verificar que no quesito de maior produtividade acadêmica, o PQ-1A, os homens brancos permanecem como os mais produtivos no total de 58,2% de professores e, abaixo, as mulheres brancas com 29,8%. Já as mulheres pardas sendo apenas 1,3%, a mulher negra ainda não acessa esse grau de excelência acadêmica, assim como as indígenas, pelos índices há 0% nesse grau (PARENT IN SCIENCE, 2023).

Para bell hooks (1995, p. 468), “na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca, toda a cultura atua para negar as mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente, torna o domínio intelectual um lugar interdito”. Assim, mesmo tendo alcançado maior nível de escolaridade, entrando para graduação e pós-graduação, se manter na academia ainda exige das mulheres, principalmente a negra, um esforço além, um sacrifício que nem sempre é possível, o medo de se sentir egoísta, “de não está fazer um trabalho tão diretamente visto como transcendendo o ego e servindo outros” (hooks, 1995, p. 470). Ou até não se sentirem capazes de escrever, de ser intelectuais. Para ser intelectual, é preciso “descolonizar a mente” (hooks, 1995, p. 474).

É impossível florescerem intelectuais negras se não tivermos uma crença essencial em nós mesmas no valor do nosso trabalho e um endosso correspondente do mundo a nossa volta para apoiá-lo e alimentá-lo. Muitas vezes não podemos procurar nos lugares



tradicionais o reconhecimento de nosso valor, temos a responsabilidade de buscá-lo fora e até criar diferentes locações (hooks, 1995, p. 475).

Importante notar que, das 50 áreas de conhecimento da Capes, as mulheres são maioria (50% ou mais) em 30%, no entanto, são lugares relacionadas ao cuidado, ao bem-estar do outro como: arquitetura, urbanismo e design, artes, ciência de alimentos, ciências biológicas, comunicação e informação, educação, enfermagem, ensino, farmácia, linguística e literatura, nutrição, odontologia, psicologia, saúde coletiva e serviço social. “O sexismo e o machismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra, imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros” (hooks, 1995, p. 468), para cuidar.

Apesar da portaria 13/2016 da Capes instituir a coleta de dados de raça, foram localizados somente dados em 2016. Nos anos subsequentes, essa categoria não aparece nas pesquisas. Pelos dados de 2016, menos de 3% de mulheres pardas e pretas são docentes na pós-graduação. No site Open Box da Ciência, em 2018, esse número cresceu para 15% (2,3% pretas e 12,7% pardas), mas com relação ao recebimento de bolsas de pesquisa, elas ainda recebem menos que as mulheres brancas: 2,6 e 12,3% respectivamente.

Dentre essas mulheres, encontra-se Janja Costa Araújo, uma das cinco mulheres negras no quadro de professoras do PPGNEIM/UFBA, reconhecida mundialmente por suas pesquisas sobre gênero, raça, cultura e desenvolvimento. A docente também desenvolve pesquisas sobre ações afirmativas em educação e cultura afro-brasileira com foco nos estudos sobre capoeira, cultura e religiões de matrizes africanas.

Diante desse debate, é importante destacar o local ao qual Janja está inserida: o NEIM, Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher (NEIM), foi criado em 1983, e reúne pesquisadoras feministas atuantes de diferentes departamentos da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O NEIM organizou-se desde a sua origem como um grupo interdisciplinar, indissociável da comunidade, envolvido em múltiplas frentes nos meios científicos e feministas locais, nacionais e internacionais, cristalizando o lema que o impulsiona: Teoria Feminista e Práticas Feministas que articulam.

O NEIM se destaca não apenas por ser o núcleo de estudos feministas mais antigo do país, como também por sua atuação marcante e continuada na promoção de uma série de atividades nas áreas de Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo sempre em vista a formação de uma



consciência crítica acerca das relações de gênero hierárquicas, predominantes em nossa sociedade, e da conseqüente especificidade da condição feminina (NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER, s/d, p.1).

No ano de 1995, o núcleo se transformou em um Órgão Suplementar, por decisão do Conselho Universitário e é reconhecido pelo Ministério de Educação (MEC), através da Portaria do Ministro Paulo Renato de Souza. Porém, em 2008, por meio da Resolução 02/08, de 29.02.2008, o NEIM deixou de ser um órgão suplementar, conforme novo Estatuto da UFBA e permanece nesse status até julho de 2013, quando começa a integrar a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), como Órgão Complementar, consoante o Regimento aprovado pelo Conselho Universitário da UFBA, em 11 de julho de 2013.

Janja coordenou o NEIM entre maio de 2015 a junho de 2017, nesse período por indicação do núcleo foi vice-presidenta do Conselho Estadual do Direitos da Mulher (CDDM), no quadriênio de 2016 a 2019. Ainda durante a sua gestão, participou de eventos como o XIII Seminário Internacional Fazendo Gênero, em Florianópolis, o 2ª. Seminário Internacional Desfazendo Gênero, assim como representou o NEIM em diversas instâncias públicas, tanto na universidade, como em movimentos sociais.

Além disso, a capoeirista foi a escolhida pelo núcleo para compor a mesa¹⁹ com a ativista negra estadunidense Angela Davis²⁰, em 2017. Na sua gestão no NEIM inseriu debates relacionados às temáticas como: a capoeira Angola; negritude; África; oralidade; cultura popular; território; relações étnico-raciais; sexualidade e direitos humanos. Já do mês de julho de 2018 ao mês de julho de 2021, foi Chefe do Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo.

Nesse ínterim, nasce o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulher, Gênero e Feminismo (PPGNEIM), em 2006, como uma iniciativa do NEIM pautado na contribuição da formação de uma geração acadêmica no campo dos estudos de gênero que iniciou nos anos de 1960. Em 2009, a criação do curso de Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade, com concentração em Políticas Públicas, também é outra ação importante realizada pelo NEIM. O NEIM, atualmente,

¹⁹ Veja mais na transmissão veiculada pela UFBA, no canal do YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/6CdrOqPE7Rs?si=XBwYcs1wQc3V3HJa>. Acesso em: 12 mar. 2024.

²⁰ Veja a transcrição da palestra da conferência intitulada: “Atravessando o tempo e construindo o futuro da luta contra o racismo”. Disponível em: <https://lucianagenro.com.br/2017/07/o-discurso-completo-de-angela-davis-na-ufba/>. Acesso em: 12 mar. 2024.

possui uma equipe de 13 pesquisadoras cadastradas no grupo no CNPq²¹, que se somam a outras pesquisadoras associadas e permanentes e seu/as orientandas/os a nível de graduação e pós-graduação, nos grupos vinculados a ele (Gênero, Alteridades e desigualdades; Gênero, Arte e Cultura; Gênero, Poder e Políticas Públicas; Gênero, Ciência e Educação), e pessoal técnico-administrativo. Entre os objetivos do núcleo estão:

Estimular a realização de estudos e pesquisas interdisciplinares sobre as questões das mulheres e relações de gênero; desenvolver o ensino sobre o tema através da promoção de cursos, seminário e debates; fornecer subsídios para a formulação de políticas públicas que visem a equidade de gênero; desenvolver atividades de extensão e assessorias, contribuindo para o encaminhamento prático de soluções de problemas ligados às mulheres; participar de eventos nacionais e internacionais relativos às questões das mulheres e relações de gênero; publicar e divulgar resultados de pesquisas em torno da temática mulheres e relações de gênero e manter centro de documentação com publicações nacionais e estrangeiras, além de trabalhos inéditos (teses, etc.) (NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A MULHER s/d, p.1).

Diante do debate sobre gênero no PPGNEIM, Janja, que estava inserida na capoeira, no movimento negro, já debatia há quase quatro décadas sobre a relação das mulheres com a Capoeira de Angola. E segundo Janja (2020)²² em um bate-papo, disponível no YouTube, com a Capoeirista e advogada Mariana Leandro Pereira, a organização de mulheres foi se transformando em realidade:

Inicialmente a gente identificava abismos e assimetrias, que pesavam tanto na nossa possibilidade de estar na capoeira, mas sobretudo na nossa possibilidade de permanecer na capoeira, e era necessário olhar para essas assimetrias de diversos ângulos”, assim elas foram aprendendo a partir de suas experiências diversas.

Mestra Janja explica que elas começaram a se organizar em eventos nacionais e internacionais para debater sobre temas como “gravidez, paternidade responsável, corpo feminino, papel do grupo na educação das crianças, tensão pré-menstrual (TPM)”, além

²¹ Ver mais informações no Espelho do Grupo: Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/514938>. Acesso em: 29 abr. 2024.

²² Ver mais em: ARAÚJO. Janja. Mulheres na Roda com Mariana Leandro. Entrevista. 2022. Disponível em: [//www.youtube.com/watch?v=ID5R3EjdweE&list=PLh0FBKOQ8PAdYQDOR8A8vC5qfbjCoaCMR&index=5](https://www.youtube.com/watch?v=ID5R3EjdweE&list=PLh0FBKOQ8PAdYQDOR8A8vC5qfbjCoaCMR&index=5). Acesso em: 01 jul. 2023.

dos seus espaços na capoeira, assim como sobre a vida, o nascimento de filho, trocar informações sobre maternidade e questões de gênero (ARAÚJO, 2004, p. 73).

O debate sobre gênero tem início no século XIX, quando as mulheres no movimento pela abolição da escravidão nos EUA percebem haver limites em sua atuação pública por ser mulher e ali forjaram as lutas pelos direitos civis (DAVIS, 2016). Segundo Scott (1995, p. 72), “ao longo dos séculos, as pessoas utilizaram figuradamente os termos gramaticais para evocar traços de caráter ou traços sexuais. Por exemplo, a utilização proposta pelo Dicionário da língua Francesa de 1876 era: ‘Não sei qual o seu gênero, se é macho ou fêmea’.

Somente recentemente as feministas norte-americanas começaram a utilizar o termo mais seriamente para se referir às diferenças sociais entre homens e mulheres como uma construção social e não biológica (SCOTT, 1996). Ao longo dos anos, esse debate se ampliou, graças aos movimentos sociais, e atualmente questiona-se todas as relações hierárquicas que atingem principalmente as mulheres, sejam elas heterossexuais, lésbicas, travestis, transgênero e também homens gays, bissexuais. Temos visto uma ramificação dos debates de gênero e sexualidades, principalmente, ou seja, todos que, de alguma maneira, sejam oprimidos por sua condição de gênero.

A partir dessas mobilizações, Janja conta que as mulheres começaram a identificar várias violências que as invisibilizavam em relação ao desenvolvimento na capoeira e falta de valorização. Além de todas as outras que englobam as mulheres: feminicídio, violência doméstica, exploração sexual, violência psicológica que não haviam sido superados dentro capoeira, a dominação masculina e que deve ser enfrentado a partir das diretrizes da Capoeira de Angola – luta pela Liberdade, reconhecimento e defesa da dignidade humana (ARAÚJO, 2020).

Esse cenário, de maioria masculina, começa a ganhar os moldes femininos, inclusive nas cantigas, pois algumas tinham conotação machista. A mestra Janja e a mestra Paulinha se destacam estando à frente de um grupo de capoeira. O cenário da capoeira para a mulher vem sendo modificado gradualmente, nos eventos já é possível encontrar profissionais responsáveis pelo cuidado das crianças, por exemplo.

Ao abordar sobre narrativas de mulheres negras capoeirista por meio de feminismos antirracistas, Janja também debate sobre memória, história dos movimentos sociais de raça e gênero: “na atualidade, as mulheres nas condições de desordeiras, destemidas, valentonas ou mulheres da pá virada, como foram tratadas no início do século

XX” (ARAÚJO, 2017, p. 1). No jogo da capoeira, elas englobam discussões profundas sobre a realidade, a luta coletiva e não-violenta.

Quando consideramos a pluralidade de formas de expressão da violência, queremos destacar a baixa expectativa em torno da formação das mulheres no que diz respeito ao aprendizado da capoeira. Vimos que na atualidade essas expectativas denotam a permanente crença na sua fragilidade e, conseqüentemente, na (de)limitação dos espaços a que estas estão autorizadas a atingir e transitar. Agora a capoeira não é mais exclusiva de negras e negros. Isso pode nos permitir reafirmar a existência de uma masculinidade dominante, cujo padrão hegemônico estabelece condutas valorativas de práticas concretas e imaginárias de uma virilidade heroica, compulsória, independente de se pensá-la enquadrada ou não na dinâmica da ordem social e política da grande roda (ARAÚJO, 2019, p. 561).

Nesse contexto, as mulheres avançaram em relação à dominação masculina, elas que muitas vezes tem tripla jornada de trabalho e são “domésticas [...] vendedoras, carregadoras, floristas, marisqueiras e pescadoras, floristas, fateiras, costureiras, bordadeiras, prostitutas” ampliam os campos em relação ao que é ser mulher e os locais que podem ocupar diante do racismo e patriarcado (ARAÚJO, 2019, p. 562).

Nos estudos sobre capoeira, Janja visibiliza capoeiristas como “Maria Doze Homens, Julia Fogareiro, Pau de Barraca, Angélica, Endiabrada, Cattu, Almerinda, Pará o Bonde, Adelaide, Presepeira, Chica, Menininha”, essas e outras mulheres que modificam a capoeira constroem diariamente o que a mestra chama de:

O feminismo angoleiro se apresenta como um esforço organizado das mulheres iniciadas na tradicional Capoeira Angola em promover o seu entendimento sobre a própria capoeira, para além de um jogo corporal, como um jogo político em que estão colocados aspectos da resistência cultural e da memória dos povos negros, ainda que não mais apenas inserida exclusivamente nos chamados ‘espaços negros’, bem como para além das fronteiras nacionais (ARAÚJO, 2107, p. 01).

O feminismo angoleiro tem em vista lutar contra o racismo, cisheteropatriarcado, branquitude, xenofobia que influenciam no contexto social e na forma de jogar. Nesse debate, inclui-se também a resistência negra que atravessa as questões de gênero nos movimentos sociais e no protagonismo de suas histórias. Essa são

Mulheres que disputaram e ocuparam seus lugares nas ruas, para refletirmos igualmente a corporeidade feminina inserida tanto no contexto do jogo, de um jogo corporal que se fez político, o jogo da

ginga, o jogo-luta, da luta física, das navalhadas, cacetadas e outras traições (ARAÚJO, 2021, p. 182).

Nesse ínterim, o pensamento lésbico como ginga possibilita a produção de conhecimentos que dão visibilidade para vozes e corpos antes marginalizados. Como explicam Silva e Araújo (2021, p. 11):

Os movimentos de lésbicas são aqui reconhecidos como as expressões mais radicais das lutas feministas, uma vanguarda da luta sexo política contra o patriarcado, instâncias onde se visa construir com outros segmentos sociais oprimidos as bases de uma sociedade justa, onde não haja opressão social sexista, racista, classista, imperialista, dentre outras formas de opressão sintetizadas pelo sistema econômico, político e social patriarcal sexual capitalista.

Sendo assim, ao assumir “a existência lésbica como conceito chave para nossos feminismos, sugere que o pensamento lésbico é bem público e se constitui na luta feminista contra a estigmatização, pelo direito de ser e viver livremente a sexualidade” (SILVA; ARAÚJO, 2021, p. 11).

Considerações Finais

Esse trabalho objetivou compreender como a trajetória de ginga na capoeira da professora Doutora Janja Araújo contribuiu para enegrecer o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e do próprio NEIM como um núcleo que idealizou e implementou este programa de pós-graduação e que Janja também faz parte, a partir das práticas e do pensamento feminista negro.

Constatou-se que ao pesquisar sobre gênero e raça, Janja – a qual é uma das cinco mulheres negras efetivas do programa e faz parte dos 3% das mulheres negras docentes da pós-graduação no país – reflete sobre suas próprias experiências em quase 40 anos de capoeira, que envolver a luta, a roda, a troca de conhecimentos por meio da oralidade, a importância da comunidade e da luta coletiva pela dignidade humana.

Janja possibilita, dentro do PPGNEIM e da capoeira, um debate sobre a condição atual dos negros/as – que está passando por um processo de branqueamento – das mulheres que lutam há 40 anos para não ocuparem apenas espaços de cuidado e

organização. Contribui para modificação das cantigas machistas, da inclusão de temas políticos como a comunidade LGBTQIA+, da cultura popular como um instrumento de resistência contra o racismo, sexismo, capitalismo, homofobia, capacitismo e outras violências.

Ativamente, Janja, enquanto primeira mestra de capoeira do país, possibilitou a inclusão de mais mulheres na capoeira que se inspiram nela, assim como a discussão e mobilização pautada no feminismo negro em relação aos atravessamentos das violências na vida das mulheres. Por meio de suas reflexões, Janja teorizou o feminismo angoleiro que luta contra todas as desigualdades sociais a partir da experiência das mulheres.

Compreende-se que algumas lacunas podem ter permanecido, portanto, recomenda-se um trabalho mais amplo, por exemplo, com entrevistas com amigos e parceiros/as de longa data da mestra, como a mestra Paulinha, o mestre Poloca e algumas alunas. Para esse artigo, conseguiu-se atingir o que foi proposto diante do entendimento: Janja ginga e acompanhá-la na ginga da vida não é tarefa fácil, pois seus gingados são rápidos e largos: no segundo semestre de 2023, ela segue para mais um pós-doutorado em São Paulo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Abrindo a roda**: conhecimentos que gingham. *Revista Z Cultural*, v. 02, p. 01 – 19, 2013.

ARAÚJO, Rosângela Costa. **Iê, viva meu mestre** — a Capoeira Angola da 'escola pastiniana' como práxis educativa. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12052015-143733/pt-br.php>. Acesso em: 16 jun. 2023.

ARAÚJO, Rosangela Costa. **É preta Kalunga**. A Capoeira Angola como prática política entre angoleiros baianos — anos 80 – 90. Coleção Capoeira viva, Rio de Janeiro, 2015.

ARAÚJO, Janja. Mulheres negras e culturas tradicionais: memória e resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 553 – 565, maio/ago. 2019.

ARAÚJO, Janja. **Entrevista no canal do YouTube**. A JEUMBÓ II com Mediação — Mestre Júlio Tavares. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=d5frE0P6v-s&t=4421s>. Acesso em: 01 jul. 2023.



ARAÚJO, Janja. **Culturas tradicionais e territórios de autoinscrição: memória e resistência negra. Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência / organização:** Ana Lucia Silva Souza. — São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

ARAÚJO, Janja. **Mulheres na Roda com Mariana Leandro.** Entrevista. 2022. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ID5R3EjdweE&list=PLh0FBKOQ8PAdYQDOR8A8vC5qfbjCoaCMR&index=5>. Acesso em: 01 jul. 2023.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo, ed. Boitempo, 2019.

COR DA BAHIA. **Quem somos.** s/d. Disponível em: <https://acordabahia.ufba.br>. Acesso em: 02 jul. 2023

DOMINGUES, Petronio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Tempo, 2007, RJ. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=p>. Acesso em: 11 jul. 2023.

FERREIRA, Lola. **Menos de 3% entre docentes da pós-graduação, doutoras negras desafiam racismo na academia.** Disponível em:

<https://www.generonumero.media/reportagens/menos-de-3-entre-docentes-doutoras-negras-desafiam-racismo-na-academia/>. Acesso em: 18 jul. 2023.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Vicente Ferreira Pastinha, mestre de capoeira e filósofo popular.** Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/vicente-ferreira-pastinha-mestre-de-capoeira-e-filosofo-popular>. Acesso em: 12 ago. 2023.

GORZIZA, Amanda; BUONO, Renata. **O efeito-tesoura para mulheres na ciência.** In: Revista Piauí. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/o-efeito-tesoura-para-mulheres-na-ciencia/>. Acesso em: 06 jul. 2023.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro.** Rio de Janeiro, Marco Zero, 1982.

hooks, B. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, V. 3, N.2, p. 465 – 477, 1995.

IBGE. **PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio.** Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 18 jul. 2023.

LIMA, Márcia; RIOS, Flávia (Orgs). **Por um feminismo negro afro-latino: ensaios, intervenções e diálogos.** 1ª ed., Zahar, rio de Janeiro, 2020. Disponível em:

<https://www.geledes.org.br/movimento-negro-unificado-1978-1988-10-anos-de-luta-contra-o-racismo-sao-paulo-confraria-do-livro-1988/>. Acesso em: 11 jul. 2023.



MACHADO, Sara Abreu da Mata. ARAÚJO, Rosângela Costa. Capoeira, Angola, corpo e ancestralidade: por uma educação libertadora. **Horizontes**, v. 33, n. 2, p. 99 – 112, jul./dez. 2015.

MEC, Ministério da Educação. **Ensino Superior**: entenda as cotas para quem estudou todo o ensino médio em escolas públicas. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 12 ago. 2023.

MILANI, L. **As Maltas da Capoeira**. 2005. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/curiosidades/as-maltas-da-capoeira/>. Acesso em: 12 ago. 2023

MILANI, L. **Coquetel de Lançamento da Revista Toques D'Angola**. Portal Capoeira. 2006. Disponível em: <https://portalcapoeira.com/capoeira/eventos-agenda/coquetel-de-lancamento-da-revista-toques-daangola/>. Acesso em: 20 jun. 2023.

NÚCLEO DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA MULHER. **Apresentação**. s/d. Disponível em: <http://www.neim.ufba.br/wp/apresentacao>. Acesso em: 20 jun. 2023

PARENTE IN SCIENCE. **Bolsa PQ-1A vigentes em 2023 por sexo e raça/cor**. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwyiOZKJCwH/>. Acesso em: 07 set. 2023.

PORTAL GELEDÉS. **Projeto Geração XXI-Memória Institucional**. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/projeto-geracao-xxi-memoria-institucional/>. Acesso em: 12 ago. 2023

RIOS, Flávia. Antirracismo, movimentos sociais e Estado (1985 – 2016). In Lavale, A. G., Carlos, E., Dowgbor M. Szwako, J. (orgs). **Movimentos sociais e Institucionalização**: políticas sociais, raça e gênero no Brasil pós-transição. Rio de Janeiro:Ed. UERJ, 2019.

RIOS, Flávia. O projeto negro no Brasil contemporâneo (1978 – 2010). **Dossiê questão racial no Brasil**. Lua Nova (85), São Paulo, 2012.

SILVA, Vitória Régia da. **Sem políticas nacionais afirmativas para a pós, pesquisadoras negras ainda vivenciam a ciência branca**. Disponível em: www.openciencia.com.br. Acesso em: 06 jul. 2023.

TÍSSIA, Camila. **Salvador 475 anos**: capital da Bahia é feminina e preta. CNN Brasil. 2024. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/salvador-475-anos-capital-da-bahia-e-feminina-e-preta/#:~:text=Salvador%20%C3%A9%20atualmente%20a%20cidade,sexta%20feira%20\(29\)](https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/salvador-475-anos-capital-da-bahia-e-feminina-e-preta/#:~:text=Salvador%20%C3%A9%20atualmente%20a%20cidade,sexta%20feira%20(29)). Acesso em: 10 mai. 2024.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, v.20, n.2, 71-99,1995.